

**MF** – *Silva Carvalho tem uma escrita muito própria. Como a caracterizaria?*

**SC** – Caracterizo-a, como o fariam Fernando Pessoa e Jorge de Sena, de uma escrita lírico-especulativa, e que eu, devido a vários factores, chamo de escrita porética. É uma escrita que geralmente parte de dados muito reais e concretos para chegar a especulações mais ou menos abstractizantes. Não raras das vezes regressa, depois dessa passagem pelo que se denomina de pensamento, ou mais propriamente, de acto de pensar ou de raciocinação, como diriam os teóricos americanos, ao quotidiano de onde partiu. O que ultrapassa o lírico-especulativo na minha escrita é um outro fenómeno: a temporalidade. E com a temporalidade o conceito heideggeriano de retoma, que é uma espécie de repetição, em que motivos já tratados anteriormente no mesmo livro ou em livros anteriores são revistos ou actualizados. Quer dizer que nos meus livros os textos, que chamo de porismas (termo usado pela matemática) e não mais de poemas, para que se perceba o *poro* original e etimológico (passagem) deixaram, de uma maneira geral, de ser autónomos, remetem para outros textos ou estão directamente concatenados com outros textos que lhes estão próximos ou vizinhos, formando uma rede (*rede*, em alemão, significa, justamente, discurso). Brinco de tal maneira com as línguas que tenho um livro ainda para publicar cujo título é justamente A REDE DO DISCURSO).

**MF** – *Na sua poesia introduz novos conceitos. Como chega até eles?*

**SC** – Pela necessidade, justamente, de introduzir algo de novo que nunca tinha aparecido em língua portuguesa. Quando o inexistente, isto é, aquilo que ainda desconhecemos verbalmente mas que já paira algures no inconsciente ou socialmente à nossa volta, quer aparecer, ele exige de quem serve de correia de transmissão (o escrevedor) uma nova palavra, um novo conceito, capaz de dar conta do que emergiu como necessidade e possibilidade históricas. Chega-se aos conceitos se formos suficientemente humildes para ouvirmos a língua interagindo connosco, nas suas hesitações e nas suas perplexidades agónicas, em vez de nos servirmos dela como detentores de um poder ou de uma técnica (que é a definição do artista, ou do poeta), quando este deseja exprimir uma sabedoria que lhe é muito própria, ou, então, uma proferição oracular que é seu privilégio de escolhido pelas musas.

**MF** – *Há quem considere a sua poesia controversa, é da mesma opinião?*

**SC** – Não conheço ninguém que considere a minha poesia controversa.

Nem vejo como poderia sê-lo. Primeiro, porque já não se trata verdadeiramente de poesia no sentido que o termo tomou ao longo dos últimos vinte e cinco séculos no ocidente. Já que se deu uma ruptura com a tradição poética vinda dos gregos e se iniciou qualquer coisa cujos contornos de tão recentes ainda não estão bem definidos: a porética. Segundo, porque para ser controversa a minha obra tinha que ser debatida e discutida, o que não é manifestamente o caso. Um grande silêncio ou uma grande indiferença tem rodeado este acontecimento inédito no ocidente: um género literário surdiu com as suas leis e as suas convenções na cultura portuguesa, e ninguém se tem dado ao trabalho de estudar o caso.

**MF** – *Partiu para França, passou por Inglaterra e pelos Estados Unidos. O que retirou destas experiências no estrangeiro?*

**SC** – Que há outras maneiras de se estar na vida muito diferentes da portuguesa. E, por conseguinte, muitas outras maneiras de se viver e sentir o literário.

**MF** – *Quais foram as suas grandes influências literárias?*

**SC** – No que respeita à poesia: portuguesa, Camões, Pessoa e Sena. Inglesa, Wordsworth e Keats. Francesa, Baudelaire, Lautréamont, Artaud e Ponge. Americana, Whitman, Wallace Stevens, T. S. Eliot, Charles Olson, Robert Lowell, William Bronk, Hayden Carruth. Quanto ao romance, Garrett, Agustina, Vergílio Ferreira, Joyce, Proust, Kafka, Faulkner, Beckett. Mas quem mais me influenciou literariamente foram alguns teóricos como Julia Kristeva e William V. Spanos. Para já não falar de vários filósofos, mas sobretudo de Kierkegaard no século XIX e de Heidegger no século XX.

**MF** – *O que pensa da Literatura Portuguesa?*

**SC** – Penso que correspondeu sempre historicamente ao país que fomos. Gloriosa nos períodos gloriosos, decadente nos períodos decadentes.

**MF** – *Apesar da sua vasta obra, ainda é considerado um desconhecido do grande público. Como entende este facto?*

**SC** – Não entendo nem me parece que tenho que entender. É um problema para a sociologia literária.